



mínimo vestígio

Gabriela Canale¹

para Ademir Assunção

Fazia umas sete horas. Talvez menos. Parei de ter a exatidão do tempo quando acabou a bateria do celular.

Não conseguia saber se achava aquilo bonito ou uma monstruosidade inútil. Descolei dezenas daqueles papéis. Não havia nada atrás deles além de outros iguais. Não quis entender. Intuí que o motivo daquilo não me interessava, e, se interessasse, doeria.

Tratei, então, de me tornar uma máquina de descolar os papéis que cobriam todas as paredes da antessala.

A carne sob as unhas doía.

Uma massa transparente grudava tudo com tudo. Nenhuma organização aparente unia aqueles semicírculos. Ela deve ter levado semanas para montar aquilo.

Minha curiosidade aos poucos se tornou impaciência.

Deitei no chão. Depois sentei acomodando a bunda sobre um pequeno monte de papéis descolados. Senti a temperatura calma da madeira sob as pernas. Sou capaz de reconhecer pelo tato o chão da antessala.

¹ Doutoranda em Teoria Literária e Literatura Comparada pela Universidade de São Paulo (USP). www.gabriela.canale.com e gabicanale@yahoo.com.br

Enrolei um pedaço de papel descolado. Fumei meu cigarro imaginário. Sem fumaça não tem graça, desisti. Soltei a folha no ar. Ela pousou sobre outra, em simetria. Juntas formaram um C perfeito.

A forma do C estalou no meu cérebro. Fez um silêncio.

Ainda sentado olhei para as paredes uma a uma. Eram centenas, milhares de cês ocupando toda antessala dela. Uma multidão de cês ao meu redor aprofundavam meu silêncio. Grudados sem zelo os cês formavam correntes, círculos, pareciam ovos, uvas, ventres.

Deixei meu celular no chão. Levantei. Deixei cair com a gravidade meu molho de chaves e minha carteira. Fui da antessala até a sala. Janelas fechadas. As buzinas das sete da noite.

Tateei a parede. Acertando em cheio sua altura levantei o interruptor. Não havia nada além da parede cor de gelo. O rodapé cinza pareceu maior do que nunca. As salas vazias valorizam os rodapés, ela diria.

Certifiquei-me do vazio do lugar e apaguei as luzes. Quis retomar meu antigo ritual secreto.

Os faróis dos carros formavam linhas brancas no teto. Tênuas, instáveis. Amo estas luzes. Este é meu segredo íntimo. Transformo qualquer lugar estranho em familiar se me concentrar nas luzes invasoras. Mesmo os quartos de hotéis ou de avós mortas ficam confortáveis se houver alguma luz brincando de desenhar o teto.

Fiquei em frente àquele espetáculo gratuito enquanto a fome começava a me dar mau humor. Os padrões das luzes do início daquela noite se grudavam aos da minha

memória mas o que eu via não coincidia com o que eu lembrava. Havia algo diferente, errado, novo.

Acendi a luz. Fui até à janela. Outras letras. Estas, brancas. Coladas delicadamente sobre o vidro elas alteravam as luzes de fora. A distância entre elas, a composição que formavam, conferiam à borda da janela um ar de moldura.

Senti as letras sob os dedos. O pó do chão da antessala nos meus polegares sujou aquele branco tão sério. Senti as formas. Acariciei o plástico como se sentisse as células epiteliais de uma rosa, aprimoradas por séculos na seleção natural para serem tocadas.

– Ao contrário, disse em voz alta como se respondesse a uma pergunta vinda de um abismo. As letras estão ao contrário, respondi como se estivesse em uma cabine com isolamento acústico de um programa de auditório.

Acho que fiquei uma meia hora vendo a sombra das letras ser projetada no teto. Uma a uma, encontrei. O N se repetia nos intervalos constantes da luz vermelha da garagem vizinha. As outras letras vi aos poucos. Carros, motos, som do trânsito.

Lembrei da antessala. Tudo aquilo parecia uma charada fácil demais. O apartamento. As letras. Ela. Desconfeei. Era estúpido ou ingênuo, como tudo que é bonito. A fome apertou. Saí da sala com pressa. Chutei os montes de papéis descolados da antessala até ouvir o som da minha chave se arrastando sobre a madeira. Peguei-a. Bati a porta com força. Depositei uma dose generosa de raiva na batida. A raiva, vermelha, gratuita, me deu uma liberdade. Enchi o peito de ar e esvaziei sonoramente.

Alívio e liberdade. O estrondo da batida da porta coroava minha raiva. Coroa pesada, indesejada, mas minha.

[Desta vez eu seria preciso, combinei comigo. Entrei na antessala ignorando todos os cês. Ainda com as carnes sob as unhas doloridas apalpei a floresta de papéis

rasgados que ocupava todo o chão. Concentrei-me nas palmas. Quis ser eficiente. Detestava a ideia de ter voltado, mas precisava da minha agenda de contatos do celular tanto quanto preciso de café e de sexo.]

